



Revista de Administração Contemporânea

ISSN: 1415-6555

ISSN: 1982-7849

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em  
Administração

Cruz, Eduardo Picanço; Falcão, Roberto Pessoa de Queiroz;  
Barbosa, Yan Orge Fernandes; Paula, Fábio de Oliveira  
Análise de Variáveis Prescritoras da Intenção Empreendedora de Imigrantes Brasileiros em Portugal  
Revista de Administração Contemporânea, vol. 24, núm. 4, 2020, Maio-Junho, pp. 349-368  
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração

DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2020190409>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84062915006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

**Artigo de Pesquisa**

## Análise de Variáveis Prescritoras da Intenção Empreendedora de Imigrantes Brasileiros em Portugal

**Analysis of Prescribing Variables of Entrepreneurial Intention of Brazilian Immigrants in Portugal**



Eduardo Picanço Cruz<sup>1</sup>   
 Roberto Pessoa de Queiroz Falcão<sup>1</sup>   
 Yan Orge Fernandes Barbosa<sup>1</sup>   
 Fábio de Oliveira Paula<sup>2</sup>

### ■ ABSTRACT

**Context:** a new migratory flow of Brazilian immigrants in Portugal is made up of individuals with greater financial and entrepreneurial capacity, a high level of professional qualification or individuals who seek higher qualification (masters and doctoral students and researchers). **Objective:** the study seeks to identify possible variables that prescribe the entrepreneurial intention of Brazilian immigrants in Portugal, showing characteristics of this group. **Methods:** survey questionnaires were applied to 667 Brazilian respondents, inhabitants of Portugal. It was used logit equations to analyze the data, in order to assess the relationship between entrepreneurial intention and the variables gender, age at arrival, educational level, length of stay in the country, status of student-tourist-work visa - citizenship application status - permanent migration. **Results:** the article contributes in a theoretical way by highlighting variables related to the intention to undertake in one of the largest communities of Brazilian immigrants in Portugal. **Conclusion:** the findings point to the following variables that had a positive influence on the intention to undertake: age at arrival, time in the country, work visa, education level, tourist visa and claim citizenship. In terms of practical implications, the study may support funding mechanisms.

**Keywords:** immigration; entrepreneurial intent; influencing factors.

### ■ RESUMO

**Contexto:** um novo fluxo migratório de imigrantes brasileiros em Portugal é composto por indivíduos com maior capacidade financeira e empreendedora, alto nível de qualificação profissional ou por indivíduos que buscam maior qualificação (estudantes de mestrado e doutorado e pesquisadores). **Objetivo:** o estudo busca identificar possíveis variáveis prescritoras da intenção empreendedora dos imigrantes brasileiros em Portugal, evidenciando características desse grupo. **Métodos:** foram aplicados questionários do tipo *survey* com 667 respondentes brasileiros habitantes de Portugal, sendo utilizadas equações *logit* para análise dos dados, visando aferir a relação da intenção empreendedora com as variáveis sexo, idade na chegada, nível educacional, tempo de estada no país, status do visto estudante- trabalho -turista, status de pedido de cidadania - migração definitiva. **Resultados:** o artigo contribui de forma teórica ao evidenciar variáveis relacionadas à intenção de empreender em uma das maiores comunidades de imigrantes brasileiros em Portugal. **Conclusão:** os achados apontam para as seguintes variáveis que tiveram influência positiva na intenção de empreender: idade na chegada, tempo no país, visto de trabalho, nível de educação, visto de turista e reivindicar cidadania. Em termos de implicações práticas, o estudo poderá embasar mecanismos de fomento.

**Palavras-chave:** imigração; intenção empreendedora; fatores de influência.

**Classificação JEL:** L26, F23, F22.

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Departamento de Empreendedorismo e Gestão, Niterói, RJ, Brasil.

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, IAG Escola de Negócios, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Como citar:** Cruz, E. P., Falcão, R. P. de Q., Barbosa, Y. O. F., & Paula, F. de O. (2020). Analysis of prescribing variables of entrepreneurial intention of brazilian immigrants in Portugal. *Revista de Administração Contemporânea*, 24(4), 349-368. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2020190409>

**Editor-chefe:** Wesley Mendes Da Silva (Fundação Getulio Vargas, EAESP, Brasil)   
**Pareceristas:** Selma Mosquera (Universidade de Lisboa, ISCP, CAPP, Portugal)

Um dos indivíduos revisores optou por não ter sua identidade divulgada.

Recebido em: 12/12/2019

Última versão recebida em: 28/02/2020

ACEITE EM: 28/02/2020

# de revisores convidados até a decisão:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1 <sup>a</sup> rodada	2	2	(x)	(x)					
2 <sup>a</sup> rodada	2	2	(x)						
3 <sup>a</sup> rodada	2	2							

## INTRODUÇÃO

Desde a última metade do século XIX, o início do século XX e durante muitos anos, o Brasil foi um país conhecido por receber os imigrantes provenientes de todo o mundo (Amaral, Costa, & Allgayer, 2017). Esses fluxos migratórios ao longo dos séculos XX e XXI diminuíram, mas não cessaram. Recentemente, os refugiados incorporaram grande parte dos imigrantes, contabilizando mais de 80 mil solicitações em 2018, sendo 61.681 de venezuelanos, 7 mil de haitianos, 2.749 cubanos, 1450 chineses e 947 bengaleses (Comitê Nacional para os Refugiados, 2019).

Embora mantendo o status de país receptor, a partir da década de 1980 o Brasil incrementa seu fluxo emigratório para o mundo (Castro & Castro Lima, 2018). Segundo dados divulgados pelo Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores, 2016) havia pouco mais de três milhões de brasileiros vivendo no exterior em 2016. No entanto, os dados do Itamaraty não refletem o real contingente de brasileiros no exterior por dois fatores: (a) estão bastante desatualizados pois o censo completou quatro anos de sua realização, e (b) envolvem apenas os dados de imigrações oficiais, desconsiderando os fluxos migratórios irregulares ou ‘ilegais’ (Oliveira, 2008).

Cruz, Falcão e Paula (2018), em um de seus trabalhos enfocando a emigração brasileira para Austrália, destacaram a violência e a falta de perspectivas para o crescimento profissional entre os principais fatores que levaram brasileiros a emigrarem. Estes fatores também possuem grande relevância no contexto da emigração brasileira para Portugal.

Apesar de Portugal ser um importante destino de brasileiros e de haver recente produção acadêmica presente nas principais bases indexadoras e repositórios de artigos nacionais (CAPES, Scielo Brasil, entre outras), há muitos artigos que tratam o tema com superficialidade (por exemplo, Ferreira, 2017; Guedes & Marques, 2008; Iorio & Nogueira, 2019; Oro, 2017; Pereira & Esteves, 2017; Roberto & Moleiro, 2015; Saturnino, 2015; Vala, Brito, & Lopes, 2015), sobretudo quando se trata de aspectos relativos ao empreendedorismo de imigrantes brasileiros em Portugal.

Autores como França e Padilla (2018), assim como Souza e Iorio (2018), destacam em seus estudos que o ressurgimento da emigração brasileira em Portugal tem características diferenciadas que abrangem não só a expressividade numérica, mas a diversidade de perfil. Este novo fluxo migratório, segundo os autores, envolvem um novo perfil dos imigrantes brasileiros, composto por indivíduos com maior capacidade financeira e empreendedora, alto nível de qualificação profissional ou por indivíduos que buscam maior

qualificação (estudantes de mestrado e doutorado e pesquisadores). Aliado a esse fato, parte dos imigrantes, com idade mais avançada, usufruem da possibilidade de receberem suas aposentadorias do Brasil em solo português sem taxação (Souza & Iorio, 2018). Outrossim, ainda há espaço para a realização de estudos aprofundados, que permitam constatar de forma mais detalhada a natureza e composição dos fluxos, bem como evidenciar fatores que levam à intenção de empreender dos imigrantes brasileiros em solo português. Ademais, com o crescimento do fluxo migratório, o número de brasileiros barrados em Portugal também cresce, a exemplo do que começou a ser relatado por Machado (2005) e Peixoto (2007).

Com base nessas lacunas acima apresentadas, os autores do presente artigo propuseram ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico uma pesquisa que analisasse as características empreendedoras dos brasileiros residentes em Portugal. Com a aprovação do referido projeto, os mesmos deram início à realização de uma *survey* no destino com amostragem de respondentes significativa. A partir dessa etapa, uma série de entrevistas em profundidade vem sendo conduzida visando complementar essa abordagem quantitativa, embora não tenha sido utilizada no presente artigo. No entanto, para o presente artigo, a triangulação dos dados da *survey* foi realizada por meio de relatos extraídos de grupos de Whatsapp de brasileiros buscando informações para emigrarem para Portugal.

Muitos imigrantes veem no empreendedorismo uma alternativa ao emprego local (Portes & Zhou, 1992). Esse fenômeno do empreendedorismo de imigrantes brasileiros não é diferente, e vem sendo estudado há algumas décadas por autores como Sasaki (1999), Sales e Loureiro (2004), Margolis (2013), Cruz, Falcão e Barreto (2017), enunciando os diversos negócios e estratégias empreendedoras para clientes locais ou co-étnicos. Uma série de fatores explicam o desempenho de empreendedores (Dolhey, 2019; Lerner, Brush, & Hisrich, 1997): motivações e objetivos individuais; aprendizagem social (Adekiya & Ibrahim, 2016) e experiências do início da vida (Schoon & Duckworth, 2012); redes de afiliação, capital humano e influências ambientais (Brockhaus & Horwitz, 1986; Hisrich & Brush, 1984; Porfírio, Carrilho & Mónico, 2016; Santos, Caetano, Spagnoli, Costa, & Neumeyer, 2017). Já quanto às motivações e objetivos individuais, há as psicológicas (Brockhaus & Horwitz, 1986), as relativas às oportunidades (Hisrich & Brush, 1984) ou ligadas a questões de autoestima (Miskin & Rose, 1990).

Percebe-se que muitas pesquisas a respeito de intenção empreendedora estão associadas a variáveis ligadas aos traços de personalidade e *mindset* empreendedor (por exemplo, Baum & Locke, 2004; Dolhey, 2019; Pfeifer, Šarlija, & Zekić-Sušac, 2016). Ademais, empiricamente sabe-se que variáveis

situacionais (como status de emprego ou nível educacional) ou individuais (como características demográficas ou traços de personalidade) são preditores fracos (Krueger, Reilly, & Carsrud, 2000; Yukongdi & Lopa, 2017). Ou seja, prever atividades empresariais modelando apenas fatores situacionais ou pessoais geralmente resulta em poder explicativo pequeno e validade preditiva ainda menor. No entanto, dados secundários sociodemográficos e situacionais dos imigrantes estão muitas vezes disponíveis em bases de dados governamentais, e questionários ou censos de imigrantes são mais facilmente implementáveis do que pesquisas de traços de personalidade e *mindset* empreendedor. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo determinar que variáveis seriam estatisticamente relevantes para prever se um imigrante brasileiro em Portugal poderia se tornar (ou se tornou) empreendedor. Por meio da análise de dados estatísticos derivados das *surveys*, propõe-se estruturar uma equação *logit* incluindo variáveis como sexo, idade na chegada, nível educacional, tempo de estada no país estrangeiro até o momento da pesquisa, status de seu visto (estudante, de trabalho ou de turista), status de reivindicação de cidadania ou de migração definitiva.

A seguir são apresentadas as seções de referencial teórico, metodologia, resultados e discussão, incluindo o histórico das migrações e suas motivações, Brasil e Portugal dentro do contexto migratório, principais teorias a respeito do empreendedorismo de imigrantes e sobre fatores relacionados à intenção e sucesso ao empreender.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Histórico das migrações e suas motivações

Os movimentos migratórios fazem parte da história da humanidade, sendo que ainda na Era Paleolítica já se configuravam migrações dos hominídeos que eram nômades, fazendo com que mudassem de região quando se esgotavam os alimentos de onde estavam estabelecidos (Appel, 2017). A descoberta de como manipular o fogo e a divisão do trabalho entre homens (caçadores) e mulheres (coletores) foram duas questões críticas para a mudança da fixação dos povos: de nomadismo para o sedentarismo. Além disso, a tecnologia nascente de produção de ferramentas permitiu o desenvolvimento de habilidades para a construção de abrigos, confecção de vestuário e tratamento das carnes caçadas (Leopoldi, 2004). Já com o surgimento do conceito de Estado Moderno (Bresser-Pereira, 2017; Maluf, 2018) na Europa Ocidental (século XV), configuraram-se as migrações entre países ou nações. Diferente do que acontecia até meados do século XX, quando ainda se identificavam as chamadas migrações planejadas, com objetivo de defesa do território nacional criando

núcleos coloniais de povoamento (Vilione, 2017), na atualidade a movimentação de pessoas pelo globo é alvo de muita discussão e controvérsia.

Os primeiros estudos sociológicos a respeito da imigração ressaltam o tema da assimilação cultural. Alba e Nee (1997), por exemplo descrevem a teoria do *melting pot* e a ideia de que uma assimilação completa das culturas nos nativos por parte dos imigrantes poderia gerar “uma nação composta por uma raça completamente nova que acabaria afetando as mudanças no cenário mundial por meio de sua força de trabalho e sua subsequente posteridade” (Gloor, 2006, p. 29). Outras teorias e conceitos são propostos, particularmente destacando-se o *Salad Bowl*, ou *Salad Pot*, ou teoria do mosaico cultural (Mahfouz, 2013). Na noção do *Salad Bowl* várias culturas permanecem distintas e não se fundem em uma única sociedade homogênea. Os imigrantes assimilam parcialmente a nova cultura, mas, ao mesmo tempo, mantêm certas práticas de seu velho mundo (Mahfouz, 2013). Alguns, no entanto, optam por viver uma vida à margem, em enclaves étnicos onde podem manter sua cultura quase intacta (Mata, 2007).

De fato, certos elementos são cruciais para a compreensão da imigração: (a) sua motivação, ou seja, causas atraentes da nação anfitriã ou causas repulsivas da nação de origem; (b) a duração do processo, seja temporária ou permanente; (c) o espaço, interno (dentro de um país) ou externo (no exterior); (d) a forma, seja voluntária ou forçada; e (e) o controle, seja pelo ingresso legal ou clandestino (Menezes, 2012).

De acordo com Borjas (2017) o desejo da maioria dos imigrantes é o de construir uma vida melhor. Nesse sentido, há que se entender o esforço de Portes e Zhou (1992) em demonstrar que as teorias tradicionais acerca da pobreza étnica e mobilidade econômica não respondiam satisfatoriamente à situação de muitos migrantes. Isso significa que a questão da legalidade do trabalho, da permissão para ficar no país, e do acesso aos serviços de assistência sociais são os elementos que compõem as polêmicas dessa realidade jurídica. Além disso, o fenômeno merece uma análise em várias camadas, incluindo teorias e lentes analíticas provenientes de diferentes perspectivas, como antropologia, sociologia, geografia, estudos urbanos e empreendedorismo (Etemad, 2018).

### Brasil e Portugal: a inversão do país de destino e de origem

O Brasil historicamente sempre foi um país receptor de imigrantes. Ainda no século XIX chegaram ao Brasil os alemães (região sul), os poloneses (Paraná), italianos (Rio Grande do Sul em 1875 e São Paulo em 1886). No período entre 1830 e 1930, aproximadamente 3,3 milhões de europeus deixaram

sua terra natal com destino às terras brasileiras, seja para se fixar ou simplesmente ganhar algum dinheiro e retornar às suas origens (Vilione, 2017).

Se por um lado o Brasil recebe imigrantes desde a sua 'descoberta', a diáspora brasileira é um fenômeno recente. De fato, esse movimento migratório ganhou ritmo a partir da década de 1980 (Margolis, 2013), alimentado por um cenário de longa estagnação econômica e hiperinflação no país. Ondas migratórias com distintos perfis sociais resultaram em comunidades ecléticas, sem um padrão pelo qual o imigrante brasileiro possa ser universalmente identificado. Em um primeiro momento, o perfil do imigrante brasileiro era composto por cidadãos de classe média ou classe média alta que buscavam melhores condições de vida no exterior. Uma vez estabelecidos, esses imigrantes pioneiros abririam oportunidades para outros com diferentes perfis, inclusive aqueles que não dominavam o idioma local, passando a ficar dependentes de seus 'padrinhos' de imigração (Cruz, Falcão, & Barreto, 2018).

O fenômeno emigratório de moradores da cidade de Governador Valadares - MG exemplifica bem o modelo da diáspora brasileira. De acordo com Siqueira (2006), devido ao ciclo de exploração da mica, diversos engenheiros americanos e suas famílias se mudaram para a região na década de 1940. Os primeiros contatos que a população teve com o dólar foram devido a pagamentos ou gorjeta aos favores ou trabalhos prestados. Como a cotação era muito acima da moeda brasileira, os valadarenses ficaram com a ideia de opulência e fartura do local de onde vinham os americanos. Assim, as primeiras 'aventuras' dos valadarenses em solo americano tiveram início nos anos 60. Jovens das classes média e alta saíram para fazer intercâmbios. Encantados, escreviam cartas contando as maravilhas da América. Isso trouxe a perspectiva de que a migração internacional era um projeto possível e relativamente fácil de concretizar.

Nesse sentido, Cruz, Falcão e Barreto (2018) identificaram que muitos desses jovens, que originalmente tinham intenções de voltar para o Brasil, acabaram se estabelecendo nos EUA e, eventualmente, abrindo os primeiros negócios de brasileiros. Essas pequenas e médias empresas permitiram a migração de uma nova leva de brasileiros, com diferentes perfis socioeconômicos. Pessoas sem curso superior e que muitas vezes sequer sabiam pronunciar uma palavra em inglês eram amparadas por empregos nessas novas firmas de imigrantes. Essa 'democratização' da possibilidade de imigrar é descrita por Portes e Zhou (1992) como um dos pontos fortes do enclave étnico. Terzano (2014) destaca que os imigrantes chegavam aos EUA e Canadá, no início do século XX, se estabelecendo em áreas onde seus compatriotas moravam. Esse processo, conhecido como migração em cadeia, proporcionou aos recém-chegados acesso

mais fácil à moradia, empregos e socialização, principalmente quando falavam pouco ou nenhum inglês. À medida que o número de imigrantes crescia, as comunidades cresciam à sua volta. Assim, foram se formando os chamados 'enclaves étnicos', onde os imigrantes podiam encontrar mercearias familiares que vendiam comida étnica; igrejas e escolas onde se falava a língua nativa dos imigrantes; e negócios baseados em habilidades e bens pelos quais os imigrantes eram bem conhecidos.

No que diz respeito a Portugal, o efeito da língua é menos marcado, embora haja notadamente a diferença de acento, ou '*accent ceiling*' (Collins & Low, 2010), o que pode gerar certa discriminação no mundo do trabalho e na obtenção de moradia. França e Padilla (2018) dividem o fenômeno migratório brasileiro em duas etapas: (a) final dos anos 1970 até o final dos anos 1990: formada, sobretudo, por profissionais qualificados que chegaram ao país em números reduzidos; (b) anos 2000 a 2010: quantitativamente mais expressiva e com uma tendência à feminização. Também marcada por uma inserção em postos de trabalhos precários e com nível de qualificação menor. Os autores destacam ainda que, desde 2016, houve uma recuperação econômica em Portugal e o início da crise política e econômica Brasileira. Esses fatores levaram a uma retomada dos movimentos migratórios com as seguintes características: (a) intensificação da mobilidade estudantil; (b) dos registros de cidadania por ancestralidade; (c) aumento dos pedidos de Autorização de Residência para Atividades de Investimentos; e (d) a reemigração ou retorno daqueles que tinham regressado ao Brasil.

Portugal, sendo o segundo destino mais popular para os imigrantes brasileiros, tem passado por diversos períodos de recessão e queda em indicadores econômicos nos últimos anos (Ferreira, Callou, Andrade, & Guimarães, 2017). O país após ser aceito como membro do Mercado Comum Europeu em 1986 e com sua adesão à Zona do Euro em 1999, beneficiou-se de financiamentos que proporcionaram uma melhoria de infraestrutura e aumento em setores tradicionais de sua economia. Já a crise econômica de 2008 deixou o país em uma situação vulnerável, com baixas taxas de crescimento econômico e alta necessidade de financiamento externo de sua dívida pública (Aguiar-Contraria, Alexandre & Pinho, 2012; Amaral, 2010). A taxa de desemprego aumentou de 8,1% em 2007 para 12,9% em 2011, e dentre os imigrantes que viviam no país, essa taxa passou de 9,6% para 17,0% no mesmo período. No entanto, em Portugal é reportado o crescente fenômeno de 'latino-americanização' da imigração (Martínez, 2003) ou mesmo da 'brasileirização' dos fluxos migratórios em Portugal (Padilla, 2006).

Em fluxos migratórios iniciais, muitos imigrantes brasileiros estiveram associados com tarefas relativas

a um baixo status social e baixos salários (Ferreira et al., 2017; Horst, Pereira, & Sheringham, 2016). Em outras palavras, o brasileiro ocuparia empregos que os europeus ou americanos, com sua economia em expansão, não estariam dispostos a executar, como faxina de residências ou atividades relacionadas à construção, por exemplo. No entanto, considerando a taxa de câmbio favorável do dólar ou euro em relação à moeda brasileira, tornou-se possível ao imigrante brasileiro trabalhar nos Estados Unidos ou Europa, economizar e enviar dinheiro ao seu país de origem, obtendo uma melhoria no seu padrão de vida. Os fluxos migratórios são dinâmicos, e nota-se que em várias partes do mundo despontam iniciativas empreendedoras nas comunidades imigrantes brasileiras (Cruz & Falcão, 2016).

Na literatura acadêmica recente, são relatados diversos outros estudos de brasileiros em Portugal. Os temas são os mais variados, abordando desde a mobilidade internacional de estudantes e jovens para Portugal (Fonseca, Esteves, & Iorio, 2015; Fonseca, Pereira, & Iorio, 2016; Iorio & Nogueira, 2019; Togni, 2015), os efeitos da crise e questões de trabalho de imigrantes brasileiros em Portugal (Pereira & Esteves, 2017), a adaptação de expatriados brasileiros no país e os processos de resiliência em imigrantes (Ferreira, 2017; Roberto & Moleiro, 2015). A imigração brasileira para Portugal pode gerar um imaginário tanto dos portugueses a respeito dos brasileiros, quanto do inverso (Lisboa, 2016), embora saibamos que há muitas expressões de racismo em Portugal (Vala et al., 2015). Foi relatado também na literatura a construção de um imaginário social dos imigrantes brasileiros em Portugal até nas redes sociais da internet (Saturnino, 2015).

Outros temas bem presentes nas pesquisas recentes são as causas do retorno ou permanência (Silva, 2016), a satisfação com a vida (Aguiar, Matias, & Fontaine, 2017), a saúde dos imigrantes (Oliveira, Neto, Freire, Félix, Moreira, & Lima, 2016), conexões entre países de origem e destino (Fusco, 2006) e seu percurso migratório (Vitorio, 2015). Temas fundamentais como as relações de trabalho, embora abordados por vezes com superficialidade, não poderiam deixar de estar presentes (Carvalho & Afonso, 2018; Domingues & Vilela, 2018; Guedes, & Marques, 2008; Padilla & França, 2016; Santos, 2017). O empreendedorismo (Ferreira, Callou, Andrade, & Guimarães, 2017) e transnacionalismo evangélico (Oro, 2017; Rodrigues, 2016) também foram relatados. Por fim, de acordo com Amaral, Costa e Allgayer (2017), os brasileiros hoje em dia são uma parcela significativa dos emigrantes pelo mundo e enfrentam cotidianamente situações de desamparo e dificuldades de acesso e manutenção dos direitos, quando afastados do suporte de redes de apoio, especialmente legais e/ou vinculadas à sua origem.

## Empreendedorismo de imigrantes

Vários estudiosos, como Howell (2019), Portes e Zhou (1992), Zhuang (2019), bem como Cruz et al. (2017), pesquisaram as características gerais do empreendedorismo étnico, incluindo seu ambiente social. Autores seminais enfatizaram os aspectos sociológicos do fenômeno devido ao impacto das redes de apoio aos imigrantes durante o início dos negócios ou empreendedorismo social (Elo & Volovelsky, 2017). Portanto, as redes sociais são baseadas em conexões com os consumidores e alianças interorganizacionais que influenciam a cocriação de oportunidades por meio da articulação de disputas comerciais (Brinkerhoff, 2016).

Outro aspecto crucial dentro das redes sociais de imigrantes é seu grau de assimilação (Alba & Nee, 1997). Vale ressaltar que alguns estudos como os de Portes e Zhou (1993), Zhou (1997), Waldinger e Feliciano (2004), Haller, Portes e Lynch (2011) apontam para perspectivas de adaptação da segunda geração diferindo da experiência de seus pais. A adaptação da segunda geração contemporânea de imigrantes depende do nível de bilinguismo, de seu acento ao falar a língua local (Collins & Low, 2010), de sua educação, de componentes raciais e de diversas situações contextuais que enfrentam. Nesse sentido, a teoria da assimilação segmentada, que oferece uma estrutura teórica para entender o processo (Zhou, 1997), pode explicar porque os filhos de imigrantes correm risco de menor mobilidade social formando uma 'nova subclasse de arco-íris', dado que o maior número de grupos de segunda geração de hoje em dia é formado de uma população de origem predominantemente trabalhadora ou de classe baixa, com baixo nível educacional (Haller, Portes, & Lynch, 2011; Waldinger & Feliciano, 2004). Em Portugal essa discriminação é notada no uso de sistemas de saúde (Coutinho & Oliveira, 2010), participação cívica (Fernandes-Jesus, Ribeiro, Ferreira, Cicognani, & Menezes, 2011), estudantil (Iorio & Nogueira, 2019) ou profissional (Egreja & Peixoto, 2011).

Segundo Achidi-Ndofor e Priem (2011), os empreendedores imigrantes socialmente identificados com suas comunidades étnicas são mais propensos a se tornarem empreendedores de enclaves étnicos, enquanto estão ligados às suas comunidades por tradição, prestígio ou mesmo por mero destino. Portanto, não é incomum que eles se envolvam em atividades que melhorem o status de suas comunidades, como levantamento de fundos para construir instalações comunitárias, ajuda a um futuro concorrente em seu estabelecimento no país, ou no enclave.

No entanto, os empreendedores imigrantes, enquanto servem suas comunidades étnicas, usam seus relacionamentos para obter acesso a recursos-

chave, como fornecedores e trabalhadores (Portes & Zhou, 1993). Por outro lado, existem empreendedores que dificilmente se identificam com seus grupos étnicos ou eventualmente os desprezam (Spears, Doosje, & Ellemers, 1997). Segundo Midtbøen e Nadim (2019) os empreendedores étnicos de segunda geração são mais ativos nos mercados locais. Portanto, esses empreendedores mudam de um mercado para outro pelo uso estratégico de sua etnia.

### Fatores relacionados à intenção e sucesso ao empreender

Na literatura psicológica, segundo Krueger, Reilly e Carsrud (2000) as intenções empreendedoras têm se mostrado o melhor preditor de comportamento planejado (ver Krueger & Carsrud, 1993), principalmente quando esse comportamento é raro, difícil de observar ou envolve atrasos imprevisíveis. A criação de novos negócios muitas das vezes envolve um planejamento considerável (Katz & Gartner, 1988) para o qual os modelos de intenção se encaixam de forma adequada, tornando-os altamente generalizáveis e robustos. Além das intenções empreendedoras, outras variáveis podem ser empregadas como preditoras do ato de empreender, a exemplo das variáveis situacionais (status empregatício, grau de educação) ou individuais (como gênero, renda, etnia, ou até traços de personalidade), embora sejam preditores mais fracos. Sua vantagem, no entanto, consiste na disponibilidade em banco de dados secundários e facilidade de coleta, sobretudo quando há barreiras linguísticas para aplicação de questionários (*surveys*) mais complexos (ver Kleiner, Lipps, & Ferrez, 2015).

Ainda segundo Krueger, Reilly e Carsrud (2000), a compreensão dos antecedentes das intenções aumenta nossa compreensão do comportamento pretendido, tal como o ato de empreender. E também as atitudes influenciam o comportamento por seu impacto nas intenções. Intenções e atitudes dependem da situação e da pessoa. Consequentemente, os modelos de intenções preverão melhor o comportamento do que as variáveis individuais (por exemplo, personalidade) ou situacionais (por exemplo, status de emprego). No entanto, as variáveis pessoais e situacionais geralmente influenciam indiretamente o empreendedorismo, influenciando atitudes-chave e motivação geral para agir. (Katz & Gartner, 1988; Krueger & Carsrud, 1993; Krueger, Reilly, & Carsrud, 2000). Um exemplo, também apontado por esses autores, são como os padrões de comportamento afetam as intenções empresariais apenas ao mudarmos atitudes e crenças, como a autoeficácia percebida. Nesse sentido a educação empreendedora pode ter efeito transformador (Graevenitz, Harhoff, & Weber, 2010).

Diversos estudos seminais denotam perspectivas teóricas que explicam o desempenho

de empreendedores (Lerner, Brush, & Hisrich, 1997): motivações e objetivos individuais; aprendizagem social; redes de afiliação, capital humano e influências ambientais (Brockhaus & Horwitz, 1986; Burud & Tumolo, 2004; Carrington, Scott & Wasserman, 2005; Hisrich & Brush, 1984). No tocante às motivações, alguns autores destacam as de cunho psicológico (Brockhaus & Horwitz, 1986), outros as motivações de oportunidade (Hisrich & Brush, 1984). Há ainda autores que destacam as questões de autoestima (Miskin & Rose, 1990; Laguna, 2013). Relativo à aprendizagem social ou socialização empreendedora, vale destacar o processo de socialização do indivíduo, que ocorre no ambiente familiar, transmitindo normas sociais, linguagem, aspirações educacionais e molda as preferências de carreira por meio de aprendizado e modelagem observacionais (Bandura, 1977). Isto afetará futuramente possíveis comportamentos empreendedores (Hisrich & Brush, 1984). Novos estudos envolvendo a influência do capital social no empreendedorismo destacam a complexidade dos novos trabalhadores, das relações pessoais e profissionais, sendo um instrumento que facilita os processos de cooperar e coordenar membros de uma comunidade em prol de um benefício em conjunto (Burud & Tumolo, 2004).

O empreendedorismo também está incorporado em uma complexa rede de relações, destacando-se a afiliação de redes e os contatos e participação em organizações. Dentro dessas redes, o empreendedorismo é facilitado ou limitado pelas ligações entre aspirantes a empreendedores, recursos e oportunidades (Klyver, Hindle, & Meyer, 2008; Zimmer & Aldrich, 1987). Isto também se verifica nos contextos de imigrantes (Light, Bhachu, & Karageorgis, 2017). De acordo com essa visão, a presença ou ausência de redes, como acesso ou associação a associações, exerce um papel na influência de seu desempenho. A importância dos sistemas de suporte, mentores e consultores foi documentada em pesquisas anteriores. Em particular, colegas de trabalho e amigos foram identificados como sendo importantes para o apoio moral, enquanto a participação em associações comerciais e grupos de mulheres estava relacionada à orientação comercial (Hisrich & Brush, 1984). Outros estudos da literatura acadêmica brasileira a respeito do sucesso e fracasso de empreendedores (por exemplo, Minello, Alves, & Scherer, 2012) se valem da definição a *priori* três categorias, envolvendo o comportamento, a gestão financeira e controle interno, e relações de mercado.

A teoria do capital humano (Davenport, 1999), envolvendo o nível de educação, a área educacional, experiências profissionais anteriores e habilidades de negócios, propõe que esses fatores influenciam o desempenho comercial de um empreendedor. Cooper (1981), por sua vez, propôs que a experiência e a educação eram antecedentes das decisões de iniciar

uma empresa e, por fim, afetavam o desempenho. Vários estudos seminais mostraram que anos de educação formal do empreendedor antes de estabelecer uma nova empresa estavam relacionados ao desempenho eventual da empresa (Box, White, & Barr, 1994; Brush & Hisrich, 1991). Estudos recentes sobre capital humano retratam uma relação entre os resultados dos investimentos em conhecimentos e habilidades e os investimentos em educação e experiência, indicando que as taxas de sucesso para realização de tarefas de alta complexidade aumentam com os investimentos em conhecimentos e habilidades, sugerindo que os investimentos em capital humano para que se aumente a taxa de sucesso de um negócio preconize os processos de aprendizado, aquisição de conhecimento e transferência de conhecimento para tarefas empresariais (Unger, Rauch, Frese & Rosenbusch, 2011).

Já no caso de influências ambientais, como sua localização, participação setorial, ambiente regulatório, disponibilidade de crédito e variáveis sociopolíticas, são determinantes críticos do desempenho. As medidas econômicas de lucratividade do empreendimento, as receitas e o número de funcionários estão relacionados às condições econômicas ambientais, como estrutura de mercado, oportunidades regionais, clima de investimento, disponibilidade de mão de obra e outras características (Gibb, 1988). Da mesma forma, a disponibilidade de recursos, incluindo capital de risco, força de trabalho técnica, empréstimos, serviços de apoio e uma subcultura empresarial favorável, também é uma grande influência no desempenho (Bruno & Tyebjee, 1982). Na literatura nacional há diversos trabalhos que relatam a capacidade de inovar, que inclui repensar sobre novos produtos, modelos, processos e mercados (por exemplo em Santos, Alves, & Bitencourt, 2015). Nesse sentido, o conceito de orientação empreendedora (OE) surge na identificação de atitudes organizacionais e comportamentos que possam fornecer maior ou menor capacidade ao empreendedor. A disponibilidade de capital inicial suficiente é também relatada como um dos fatores ambientais mais importantes que influenciam o sucesso e a lucratividade de novos empreendimentos (Brophy, 1989).

## METODOLOGIA

### Coleta de dados e amostra

De acordo com dados oficiais do Ministério das Relações Exteriores do Brasil - MRE (2016) - da última contagem existem cerca de 116.271 brasileiros em Portugal. Destaca-se que esses são dados oficiais das embaixadas com mais de três anos, logo, não sendo incluídos os imigrantes em situação irregular e nem os de imigração recente. Já os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) de Portugal revelou que o número de brasileiros com autorização para viver no país aumentou 43% de 2018 para 2019, passando de 105.423 para 150.854, sendo que o total de imigrantes em Portugal ultrapassa 500.000 indivíduos. (Veja, 2020). No entanto, sabe-se que há também um contingente de imigrantes irregulares e ilegais, difíceis de serem estimados. Sendo assim, os pesquisadores optaram por considerar os números oficiais como base para cálculo amostral. Dessa forma, para o cálculo amostral arbitrou-se um nível de confiança de 95% e margem de erro de 4%, chegando-se a um tamanho de amostra mínimo de 598, para brasileiros em Portugal (ver Bartlett, Kotrlik & Higgins, 2001; Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2006). A descrição detalhada das amostras é apresentada na seção de Resultados (Tabela 4), sendo uma amostra não probabilística de conveniência, definida por acessibilidade.

Os pesquisadores, pautados no trabalho de Baltar e Icart (2013) valeram-se de grupos de Facebook para fazer chegar o questionário da *survey* aos respondentes. Visando minimizar vieses nas respostas, são descritas algumas estratégias utilizadas. Primeiro, os pesquisadores cadastraram-se em 20 grupos de Facebook de brasileiros em Portugal, totalizando 708.135 membros. Cabe ressaltar que nem todos os membros do grupo eram brasileiros residentes. As postagens desses grupos revelam que muitos estariam interessados em imigrar ou eram simplesmente simpatizantes da ideia. A tabela 1 apresenta os quatro maiores grupos.

**Tabela 1.** Principais grupos de Facebook de Brasileiros em Portugal consultados.

Nome do grupo	URL	Membros
Brasileiros em Portugal	<a href="https://www.facebook.com/groups/1499905210256206/">https://www.facebook.com/groups/1499905210256206/</a>	293.306
Brasileiros vivendo em Portugal	<a href="https://www.facebook.com/groups/1487900697936746/">https://www.facebook.com/groups/1487900697936746/</a>	159.860
Apoio brasileiros em Lisboa	<a href="https://www.facebook.com/groups/808392282569225/">https://www.facebook.com/groups/808392282569225/</a>	148.006
Brasileiros em Portugal - MRF	<a href="https://www.facebook.com/groups/1677233752559683/">https://www.facebook.com/groups/1677233752559683/</a>	106.963

**Nota.** Fonte: Elaborado pelos autores, com dados (2018) do Facebook.

Como muitos desses grupos são fechados, os pesquisadores tiveram que aguardar a aprovação dos administradores para poderem participar das conversas. Mesmo após a aprovação da inclusão no grupo, as postagens também ficavam sujeitas à validação do administrador. Nesse caso, era feito um contato com os responsáveis pelo grupo via *inbox* (mensagem de texto exclusiva) para explanar o propósito do projeto de pesquisa, solicitando também ajuda na divulgação do link da *survey*. Embora a maioria dos administradores de grupo tenha sido solícita, os pesquisadores receberam algumas solicitações de contrapartida financeira para garantir o apoio às postagens. Como não havia verba de pesquisa destinada a essa finalidade, os pesquisadores decidiram por se cadastrar no maior número de grupos possível, visando obter acesso a uma quantidade de respondentes que atingisse o mínimo cálculo amostral. Outra estratégia utilizada foi a de observar os membros mais ativos, com o maior número de postagens ou participações, enviando mensagens exclusivas, solicitando apoio: tanto para responder quanto para divulgar. Os questionários ficaram disponíveis por oito meses nos grupos de brasileiros em Portugal, extrapolando enfim o mínimo estipulado de 598, sendo atingidos 667 respondentes. A descrição detalhada da amostra é apresentada na seção de Resultados (Tabela 4). Do total de entrevistados em Portugal de 667 brasileiros, 94 são empresários (14,1%). Já dos 573 que não são empresários, 222 pensam em empreender futuramente no país (38,7%).



**Figura 1.** Exemplo de postagem de convocação para resposta à pesquisa.

Fonte: Elaborado pelos autores.

## Descrição das variáveis

Para identificar características de imigrantes brasileiros em Portugal que estariam associadas à posse de um empreendimento ou, em caso negativo, ao desejo de empreender, foram coletados dados enquadrados como variáveis dependentes, sendo 'Empresário' definida como 1 (um) se a pessoa atua como empresário no país para onde emigrou e 0 (zero) se não atua; e 'Desejo de empreender', definida como 1 (um) se a pessoa que não atua como empresário deseja atuar no futuro e 0 (zero) se não deseja. Já as variáveis independentes, que representam características do respondente no momento da chegada à Portugal ou no momento atual, e que podem afetar a decisão de empreender, no caso do presente estudo, são:

- 1) Sexo: 0 (zero) se o entrevistado for homem e 1 (um) se for mulher;
- 2) Idade na chegada: idade do entrevistado quando ele (ou ela) chegou ao país;
- 3) Nível de educação: 0 (zero) se a pessoa tinha apenas o ensino fundamental completo ou menos no momento da chegada no país, 1 (um) se tinha o ensino médio completo, 2 (dois) se ele (ou ela) possuía graduação e 3 (três) se ele (ou ela) tinha completado alguma pós-graduação;
- 4) Tempo no país estrangeiro: há quantos anos o respondente mora no país;
- 5) Visto de estudante: 1 (um) se o entrevistado entrou no país com um visto de estudante e 0 (zero) em caso contrário;
- 6) Visto de trabalho: 1 (um) se o entrevistado entrou no país com um visto de trabalho e 0 (zero) em caso contrário;
- 7) Visto de turista: 1 (um) se o entrevistado entrou no país com um visto de turista e 0 (zero) em caso contrário;
- 8) Reivindica cidadania: 1 (um) se o entrevistado está reivindicando cidadania no país e 0 (zero) em caso contrário;
- 9) Migrante definitivo: 0 (zero) se entrevistado declarou a intenção de voltar a qualquer momento e 1 (um) em caso contrário.

## Análise estatística

Primeiramente, testou-se o risco da existência de *Common Method Bias* (CMB) em cada uma das amostras realizando uma análise fatorial exploratória (EFA) com todas as variáveis utilizadas no estudo. Uma variância total explicada de 50% ou mais em um único fator indicaria que a possível presença desse tipo de viés (Podsakoff, MacKenzie, Lee, & Podsakoff, 2003). Após isso, fez-se uma análise descritiva das variáveis do estudo por

grupo (empresários, não empresários que desejam empreender e os que não desejam). Executou-se uma ANOVA (teste F) para analisar as diferenças médias das variáveis contínuas e um teste  $\chi^2$  para as variáveis categóricas entre os três grupos (Hair et al., 2006). Os resultados indicaram alguns fatores que poderiam ser utilizados para descrever o perfil e cada um dos grupos. Por fim, após a transformação de todas as variáveis contínuas para Z-score, utilizou-se regressão logística (*logit*), com Empresário e Desejo de Empreender como variáveis dependentes,

$$\ln(\text{Empresário} / 1-\text{Empresário}) = \beta a_0 + \beta a_1 * \text{Sexo} + \beta a_2 * \text{Idade na chegada} + \beta a_3 * \text{Nível de educação} + \beta a_4 * \text{Tempo no país estrangeiro} + \beta a_5 * \text{Visto de estudante} + \beta a_6 * \text{Visto de trabalho} + \beta a_7 * \text{Visto de turista} + \beta a_8 * \text{Reivindica cidadania} + \beta a_9 * \text{Migrante definitivo} \quad (1)$$

$$\ln(\text{Desejo de empreender} / 1-\text{Desejo de empreender}) = \beta a_0 + \beta a_1 * \text{Sexo} + \beta a_2 * \text{Idade na chegada} + \beta a_3 * \text{Nível de educação} + \beta a_4 * \text{Tempo no país estrangeiro} + \beta a_5 * \text{Visto de estudante} + \beta a_6 * \text{Visto de trabalho} + \beta a_7 * \text{Visto de turista} + \beta a_8 * \text{Reivindica cidadania} + \beta a_9 * \text{Migrante definitivo} \quad (2)$$

## Triangulação dos dados

Visando realizar uma triangulação dos dados da *survey*, valeu-se de dados extraídos de grupos de conversa do aplicativo Whatsapp cujos participantes eram brasileiros que já estavam em Portugal ou que planejavam emigrar para lá. Mais de dez grupos de Whatsapp foram indicados por membros dos grupos de Facebook nos quais foram veiculados os formulários da *survey*. Um dos pesquisadores entrou como membro desses grupos, permanecendo ativo no período de um mês entre julho e agosto de 2017. Segundo os preceitos da netnografia (Kozinets, 2002), a seleção de grupos seguiu os seguintes critérios: (a) que tivessem um tópico relevante para a pesquisa; (b) que tivessem bom tráfego de postagens; (c) que apresentassem um grande número de indivíduos que 'postam' mensagens; (d) que possuíssem muitas informações detalhadas ou descriptivas; e (e) que tivessem mais interações entre os membros da comunidade relacionadas à questão de pesquisa. Dados esses

para determinar quais variáveis são estatisticamente relevantes para prever se um imigrante brasileiro em Portugal se tornou empreendedor ou teria esse desejo. Todas as variáveis independentes descritas na seção anterior foram utilizadas em cada uma das *logits* propostas, que são descritas pela equação (1) e (2). A análise dos intervalos de confiança permitiu entender, por fim, as diferenças de importância entre as variáveis dependentes de cada uma das equações no contexto de Portugal.

critérios, foram selecionados cinco grupos de Whatsapp, cujo objetivo seria o de ajudar, de diferentes formas, brasileiros habitantes de Portugal ou que estivessem em busca de informações para emigrar para Portugal. A netnografia foi realizada sem interação dos pesquisadores, apenas valendo-se de observação, identificação, análise e categorização de postagens. As conversas foram salvas em formato .pdf, totalizando 735 páginas transcritas. As mensagens foram quantificadas qualitativamente através do software de análise de conteúdo Atlas.Ti, resultando em uma classificação em sete temáticas emergentes das conversas transcritas: anúncio de negócios; dicas de produtos, serviços ou entretenimento; emprego; imigração; informações e perguntas; notícias; e solidariedade (ver tabela 2). O corpus da pesquisa refere-se à regra da representatividade, homogeneidade e pertinência, dada a impossibilidade de obter, em sua totalidade, todas as conversas e grupos de brasileiros em Portugal (Bardin, 2011).

**Tabela 2.** Lista de grupos de Whatsapp para complementar a coleta de dados e datas de coleta.

Nome dos grupos	Período de observação
Amizades em Lisboa	8 de julho a 4 de agosto de 2017
Do Mundo para a Europa	8 de julho a 4 de agosto de 2017
Grupo de Apoio a Imigrantes Brasileiros	8 de julho a 4 de agosto de 2017
Brasileiros em Portugal	8 de julho a 4 de agosto de 2017
Portugal Ajuda	8 de julho a 4 de agosto de 2017

**Nota.** Fonte: Elaborada pelos autores.

## RESULTADOS

### Perfil do imigrante brasileiro em Portugal

A Tabela 3 apresenta a estatística descritiva da amostra para cada um dos grupos. Observa-se um equilíbrio entre a quantidade de homens e mulheres que são empresários (50%), enquanto há uma maior prevalência de mulheres não-empresárias (64%). Destas, a proporção de mulheres que não querem empreender é maior que a dos homens (68%). A idade média é maior para os empresários, assim como o tempo de país. Dentre os não-empresários observa-se que os que querem empreender

geralmente têm mais de três anos morando no país (3,25 anos). Também é interessante notar que a proporção de migrantes definitivos é maior para não-empresários em Portugal. No caso dos que ainda não empreendem, os que têm intenção de fazê-lo no futuro supera em larga margem os que não querem em ambos os contextos. Com relação ao visto de entrada no país, em Portugal, a proporção de pessoas que entrou como turista é a mesma para empresários e não-empresários, e entre quem quer empreender e quem não quer. O mesmo fenômeno se observa para as pessoas que entraram com visto de trabalho.

**Tabela 3.** Médias e desvios padrão das características dos respondentes por grupo.

Variável	Empresário (n = 94)		Não-empresário (n = 573)		Teste F / $\chi^2$
	Média	D.P.	Média	D.P.	
<i>Sexo (% de mulheres)</i>	50,00%	50,27%	64,00%	48,03%	***
<i>Idade na chegada</i>	38,65a	10,42a	32,15a	10,21a	***
<i>Nível de educação</i>	2,12	0,76	2,12	0,80	n.s.
<i>Tempo no país</i>	3,57	6,92	2,29	4,43	**
<i>Visto de estudante</i>	10,60%	31,00%	37,90%	48,55%	***
<i>Visto de trabalho</i>	3,20%	17,67%	4,20%	20,05%	n.s.
<i>Visto de turista</i>	25,50%	43,84%	25,50%	43,61%	n.s.
<i>Reivindica cidadania</i>	27,70%	44,97%	26,70%	44,28%	n.s.
<i>Migrante definitivo</i>	81,90%	38,70%	60,90%	48,84%	***
Portugal					
Quer empreender (n = 222)		Não quer empreender (n=351)			
Variável	Média	D.P.	Média	D.P.	Teste F / $\chi^2$
<i>Sexo (% de mulheres)</i>	57,70%	49,52%	68,10%	6,68%	**
<i>Idade na chegada</i>	34,3b	10,4b	30,85b	9,88b	***
<i>Nível de educação</i>	2,10	0,83	2,13	0,77	n.s.
<i>Tempo no país</i>	2,32	4,34	2,27	4,50	n.s.
<i>Visto de estudante</i>	30,20%	46,01%	42,70%	49,54%	***
<i>Visto de trabalho</i>	4,50%	20,79%	4,00%	19,60%	n.s.
<i>Visto de turista</i>	27,50%	44,74%	24,20%	42,90%	n.s.
<i>Reivindica cidadania</i>	31,10%	46,39%	23,90%	42,73%	*
<i>Migrante definitivo</i>	74,30%	43,78%	52,40%	50,01%	***

**Nota.** \* p < 0,1; \*\* p < 0,05; \*\*\* p < 0,01.

Em seguida, verificou-se a possibilidade de existência de CMB para as amostras. Duas EFAs foram executadas, uma para cada variável dependente em conjunto com as variáveis independentes. Isso foi necessário, pois a resposta da segunda variável independente pressupõe que a pessoa não seja empresária, o que faz esta variável não ter variância, impedindo as duas variáveis dependentes de fazerem parte da mesma EFA. No caso de Portugal, os números foram respectivamente 19,27% e 19,57%. Todos os valores são muito menores do que o limite de 50%. Por esse motivo, o CMB não foi considerado um problema. A Tabela 4 mostra os resultados das *logits* que estimaram a influência das variáveis independentes em 'Empresário' e 'Desejo de empreender'. Em todos os casos, o ajuste geral do *logit* foi significativo, com  $p < 0,01$ . Os índices Cox & Snell R2 e Nagelkerke R2 em cada caso são apresentados também na Tabela 4.

**Tabela 4.** Regressão logística.

Empresário			
	B	S.E.	Sig.
<i>Sexo (% de mulheres)</i>	0,816	0,257	***
<i>Idade na chegada</i>	0,026	0,013	**
<i>Nível de educação</i>	0,055	0,173	n.s.
<i>Tempo no país</i>	0,049	0,023	**
<i>Visto de estudante</i>	2,726	0,475	***
<i>Visto de trabalho</i>	2,257	0,711	***
<i>Visto de turista</i>	1,776	0,384	***
<i>Reivindica cidadania</i>	1,659	0,365	***
<i>Migrante definitivo</i>	-0,564	0,318	*
<i>Constante</i>	-9,896	1,276	***
<b>Cox &amp; Snell R2</b>	<b>0,133</b>		
<b>Nagelkerke R2</b>	<b>0,238</b>		
Não-empresário: Quer empreender?			
	B	S.E.	Sig.
<i>Sexo (% de mulheres)</i>	0,553	0,195	***
<i>Idade na chegada</i>	0,036	0,011	***
<i>Nível de educação</i>	-0,168	0,135	n.s.
<i>Tempo no país</i>	-0,023	0,022	n.s.
<i>Visto de estudante</i>	-0,358	0,456	n.s.
<i>Visto de trabalho</i>	-0,428	0,604	n.s.
<i>Visto de turista</i>	-0,462	0,451	n.s.
<i>Reivindica cidadania</i>	-0,551	0,445	n.s.
<i>Migrante definitivo</i>	-0,887	0,21	***
<i>Constante</i>	0,242	1,334	n.s.
<b>Cox &amp; Snell R2</b>	<b>0,083</b>		
<b>Nagelkerke R2</b>	<b>0,114</b>		

**Note.** \*  $p < 0,1$ , \*\*  $p < 0,05$ ; \*\*\*  $p < 0,01$ .

Analizando-se os resultados para a variável dependente Empresário, observa-se que 'Idade na chegada', 'Tempo no país', 'Sexo' (feminino), 'Visto de trabalho', 'Visto de turista' e 'Reivindica cidadania' têm influência positiva, e 'Migrante definitivo' tem influência negativa.

As equações (3) e (4) apresentam os modelos de regressão simulados, considerando somente as variáveis significativas à  $p < 0,1$ :

$$\begin{aligned} \ln(\text{Empresário} / 1 - \text{Empresário}) = & -9,896 + \\ & 0,816 * \text{Sexo} + 0,026 * \text{Idade na chegada} \\ & + 0,049 * \text{Tempo no país estrangeiro} + \\ & 2,726 * \text{Visto de estudante} + 2,257 * \text{Visto de trabalho} + \\ & 1,776 * \text{Visto de turista} + 1,659 * \text{Reivindica cidadania} - 0,564 * \text{Migrante definitivo} \end{aligned} \quad (3)$$

$$\begin{aligned} \ln(\text{Desejo de empreender} / 1 - \text{Desejo de empreender}) = & 0,553 * \text{Sexo} + 0,036 * \text{Idade na chegada} - 0,887 * \text{Migrante definitivo} \end{aligned} \quad (4)$$

### Teste de robustez

Para testar o quanto robustos e estáveis são os resultados das regressões, foi feita uma análise de *cluster K-mean* (Hair et al., 2006). Esse método classifica, de acordo com variáveis escolhidas, os casos de uma amostra em um número pré-determinado de grupos. Esse agrupamento é feito de acordo com as distâncias euclidianas entre casos, considerando as variáveis como dimensões no espaço (Hair et al., 2006). Casos mais próximos tenderiam, então, a serem classificados dentro do mesmo grupo.

De acordo com a proposição do artigo, a amostra pode ser dividida em três grupos: empresários, não-empresários que querem empreender, e não-empresários que não querem empreender. Também foi proposto que as nove variáveis independentes utilizadas nas *logits* poderiam ser utilizadas para diferenciar os *cases*, classificando-os dentro desses três grupos.

Após a análise, a classificação resultante do método e a classificação original foram correlacionadas (através de correlação de Pearson). Esta correlação se mostrou positiva (0,128) e significante à  $p < 0,01$ . Dessa forma, podemos dizer que ambos os métodos proporcionaram resultados correlacionados, embora diferenças nas classificações nos grupos tenham ocorrido com uma frequência próxima de 25%. Esta frequência, em conjunto com a correlação positiva e significante, foi considerada aceitável para suportar a robustez do método.

## Discussão dos resultados

Lembrando que a proposta do artigo seria a de identificar variáveis situacionais (por exemplo, status de emprego ou nível educacional) ou individuais (por exemplo, características demográficas) prescritoras de atividades empresariais, os resultados apontam para algumas variáveis promissoras. É do interesse de diversos pesquisadores de empreendedorismo e gestores públicos, poder se utilizar dados secundários sócio demográficos e situacionais dos imigrantes, os quais estão muitas vezes disponíveis em bases de dados governamentais ou mesmo em questionários ou censos de imigrantes.

Pode-se afirmar baseado na amostra, que quanto maior a idade na chegada ao país e quanto maior seu tempo de permanência, maior a probabilidade de ter um negócio próprio. No caso do tempo de permanência no país, o motivo é evidente, pois as pessoas que imigraram com intenção de empreender precisam de um tempo para planejar e executar a montagem do seu negócio, o que aumenta a probabilidade de criá-lo ao longo dos anos, corroborando com Krueger, Reilly e Carsrud (2000). Em relação à idade de chegada no país, isso pode ser derivado do fato da idade média dos imigrantes estudantes ser menor do que o dos outros imigrantes. Para tentar dirimir essa dúvida, foram calculadas as médias de idade dos diversos grupos. De fato, o que os dados da *survey* mostram foi que a média de idade dos que chegaram como estudantes em Portugal foi de 31 anos, sendo 37 anos a média para os demais respondentes. Outra explicação seria que os mais maduros têm maior urgência em se estabelecer em uma profissão que garanta o seu sustento e o de sua família, enquanto que os mais jovens podem ainda não ter família e serem sustentados pelos pais, não tendo grande urgência em tomar a decisão de como iriam se estabelecer. Porém, ao se analisar as respostas das perguntas abertas “Qual é o seu Propósito?” e “Quais as principais dificuldades enfrentadas quando chegaram?”, nenhum dos que se declararam empresários citaram a urgência em empreender. As principais alegações foram relativas à necessidade de se ter uma vida melhor ou às dificuldades de se lidar com uma nova cultura.

Em contrapartida, surpreende o fato de que os entrevistados que declararam querer ficar para sempre ou sem prazo definido no país têm maior probabilidade de não serem empreendedores. É possível que estes, em sua maioria, tenham empregos formais, enquanto que os empreendedores condicionam sua permanência definitiva ao sucesso de seu empreendimento. Detalhando os dados da *survey* foi identificado que, dos brasileiros em Portugal, 38% dos que declararam querer ficar para

sempre estão apenas trabalhando e outros 16% estão trabalhando e estudando.

Vários dos fatores pesquisados influenciam o fato de o entrevistado ser empreendedor somente em Portugal. Primeiramente, o fato de o respondente ser mulher. As mulheres ainda sentem uma responsabilidade primária pela família. Ademais, as diferenças étnicas e de gênero na escolha de carreira são explicadas em grande parte pelas diferenças de autoeficácia (Krueger, Reilly & Carsrud, 2000), sendo que diversos trabalhos aplicados nos campos de psicologia e sociologia apontam para como remediar diferenças de autoeficácia. Quando ela é aumentada, eleva também as percepções de viabilidade do empreendimento e percepções de oportunidades. Na seleção de empregos, as mulheres atribuem grande importância à ‘conveniência’ - ou seja, até que ponto o emprego pode ser acomodado à sua vida familiar (Azmon & Izraeli, 1993; Yukongdi & Lopa, 2017). Consequentemente, existe uma falta geral de apoio para as mulheres que se envolvem em cargos gerenciais e administrativos (Izraeli, 1994), bem como no trabalho por conta própria (Yukongdi & Lopa, 2017). No entanto, segundo Krueger, Reilly e Carsrud (2000), treinamentos cuidadosamente formatados para esse público tornam possíveis a sensibilização e promoção do empreendedorismo feminino.

Da mesma forma, emigrantes tanto com visto de turista, de trabalho ou de estudante, assim como as pessoas que reivindicam cidadania, têm maior probabilidade de serem empreendedores, o que demonstra uma tendência desses indivíduos a se fixarem em Portugal. Lá também ocorre uma facilidade de obtenção de visto tanto por descendência de parte dos brasileiros com a obtenção de cidadania europeia, quanto por causa de políticas recíprocas entre Brasil e Portugal (Bitencourt & Ricken, 2018).

Considerando as amostras de respondentes que não são empreendedores atualmente, pode-se identificar fatores correlacionados com a intenção de empreender no futuro, sendo que respondentes do sexo feminino tendem a ter maior intenção. A justificativa para tal pode ser a mesma dada anteriormente para a tendência de empreenderem pela conveniência de decidir seus horários de trabalho que possibilitem cuidar da família. Outrossim, podem ainda não ter conseguido abrir os seus negócios, embora ainda tenham intenção de fazê-lo. Também foi encontrada uma relação negativa entre o fato de o respondente ser um imigrante definitivo e a intenção de abrir um negócio. Conforme já falado anteriormente, as pessoas que têm a intenção de ficar definitivamente no país são as que estão mais estabilizadas em um emprego fixo, que não teriam tanto interesse em iniciar uma

empreitada empreendedora, corroborando com os estudos de Krueger, Reilly & Carsrud (2000), que mostram o pensamento que enfatiza análise de oportunidades versus ameaças, ou de que as intenções em geral dependem de percepções de atratividade pessoal, normas sociais e viabilidade (ver Krueger & Carsrud, 1993).

Cruz, Falcão e Barreto (2018), em estudos realizados em outra comunidade brasileira, embora no sul da Flórida (EUA), já haviam detectado que os empresários brasileiros costumam chegar preparados financeiramente, com uma reserva para enfrentarem as dificuldades financeiras dos primeiros meses. Tomando por base esse comportamento de brasileiros, essa explicação só deve ser totalmente esclarecida com a segunda fase da pesquisa que envolverá a visita a Portugal para a realização de entrevistas em profundidade com os empresários brasileiros (marcadas para serem iniciadas em 2020).

Por fim, nenhum outro fator se mostrou correlacionado com a intenção de empreender em Portugal. Este achado reforça o que já foi argumentado anteriormente a respeito da correlação negativa entre visto de turista ou estudante e o fato de a pessoa ser empreendedora. Portugal mostra-se como um ambiente facilitador para iniciar negócios de forma irregular ou ilegal.

## Triangulação dos resultados

Por meio da triangulação de dados com as conversas de Whatsapp, analisando de forma isolada as palavras contidas nas conversas, concluiu-se que os assuntos predominantes tratavam sobre trabalho e emprego, informações sobre empresas e processo migratório e de obtenção de cidadania. Parte dos achados na pesquisa realizada no Facebook vai ao encontro do que foi previamente analisado nas conversas de Whatsapp, no que tange as motivações para migrar e a escolha de Portugal como destino, a busca por melhores oportunidades educacionais, profissionais e de vida de forma geral. Percebe-se também que muitos indagam questões relativas aos tipos de visto de ingresso e seus impactos.

Pergunta: "Vcs sabem se o visto de empreendedor (é D7 né?). Tem muito imposto? E vcs sabem se há um visto diferente para profissional liberal?"

Resposta: "D2 é o visto de empreendedor e o D7 é o visto de aposentado."

Pergunta: "Como vc ainda está no período de 3 meses, vc está com o visto de turista, não é? Eles contratam (fazem contrato) com vc ainda com visto de turista?"

Pergunta: "Alguém pode me responder se é possível ir com visto de Turismo e lá depois que eu ver qual é a melhor Universidade eu tirar o visto de estudante?" "Abaixo, confira a lista completa das 26 universidades portuguesas que oficializaram a parceria com o Inep para usar a nota do Enem como método de seleção de estudantes do Brasil"

Resposta: "Isso. Fazem contrato, mas pode gerar multa ao patrão e atrasar o pedido de residência do empregado.... Eles podem alegar que trabalhou quando não era para trabalhar... Coisas assim."

Resposta: "Vc vindo vc vai abrir uma empresa, tributos da empresa não legaliza a pessoa, agora vc como proprietário ou sócio da empresa tem que fazer os descontos da segurança social, aí após alguns meses de contribuição vc pode tentar desta maneira..."

Pergunta: Sim, com visto D2. Onde vejo sobre o visto D2?"

Resposta: "Vou lhe passar pelo PV ok. Me add. Ou por aqui mesmo. Vou passar a lista dos vistos. Sim, com visto D2 a pessoa vem já com visto, já chegando já marca no SEF para pegar o cartão de residência.... Aí é muito mais tranquilo.... Pois não fica ilegal em nenhum momento..."

Pergunta: "estudante e residência? (Claro o nome auto se diz). Mas mesmo indo estudar pode tirar o de residência? O meu faz 30 dias amanhã no consulado de PE."

Resposta: "Estudante: cursos até 1 ano. Não se pode trabalhar legalmente. Residência: cursos acima de 1 ano. Pode-se trabalhar, desde que tenha autorização do SEF (www.sef.pt)"

Dos que possuem cidadania europeia, alguns participantes do grupo têm dúvida sobre imigrar para Portugal, conforme extratos:

Pergunta: "Olá pessoal. Tenho cidadania portuguesa e pretendo me mudar próximo ano com marido e filha. Estou em uma dúvida enorme se iremos para Portugal ou Espanha. Queremos montar um negócio próprio fora do Brasil. Gostaria muito da opinião de quem está aí, afinal a princípio até nos adaptarmos, definir o que montar e aperfeiçoar o idioma teremos que trabalhar pra alguém. Toda ajuda é bem-vinda. Muito obrigada por me aceitarem no grupo."

Pergunta: "Boa noite pessoal! Sou nova no grupo e tenho interesse em me mudar ... Na verdade estou em dúvida entre Espanha e

Portugal. Podem me auxiliar sobre diferenças entre os dois países. Tenho cidadania portuguesa e pretendo montar um negócio próprio. Quais melhores regiões para morar na Espanha? Busco um local com clima parecido com o Brasil (calor), lugar tranquilo, com aluguel com preço razoável, e com comércio próximo. Se puderem me informar como é o ramo de estética aí seria ótimo. A princípio para ter a certeza que irei me adaptar a região irei trabalhar para alguém sendo assim tem que ser área com trabalho tbm. Desde já agradeço.”

Outro aspecto ressaltado são as profissões mais demandadas:

Pergunta: “Boa noite pessoal, ainda estou no Brasil e estarei indo para Lisboa no dia 05/08. Infelizmente estou desempregado, e não aguento mais a violência aqui, tenho 33 anos, sou pai de três filhos. Estou indo na frente e depois levarei a família. E gostaria muito de uma ajuda para arrumar qualquer trabalho aí, mesmo que seja na área de limpeza. Tenho habilidades nas seguintes áreas; serralheiro, eletricista predial, encanador industrial, caldeiraria industrial, mecânico industrial, técnico de processos industriais pleno, analista de projetos sênior, supervisor de manutenção”.

Resposta: “Indico aprender uma destas profissões antes de sair do Brasil: Pintor, Jardineiro, Garçom, Camareira, Pedreiro, Eletricista, Cozinheiro, Padeiro, Confeiteiro, Canalizador, Carpinteiro, Estucador, Ladrilhador, Cabeleireiro, entre outras operacionais. Nestas profissões ganhará entre 600 e 1200 Euros, se conseguir ganhar mais, melhor ainda, lembrando que o custo de vida mensal será ± 450 Euros por pessoa”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembrando que o objetivo inicial do estudo era o de determinar quais variáveis seriam estatisticamente relevantes para prever se um imigrante brasileiro em Portugal teria intenção de se tornar empreendedor, o resultado da análise de dados estatísticos derivados das *surveys* utilizou variáveis como sexo, idade na chegada, nível educacional, tempo de estada no país estrangeiro até o momento da pesquisa, e se eles teriam visto de estudante, de trabalho ou de turista, ou mesmo se estariam reivindicando sua cidadania ou migração definitiva.

Diante do que foi evidenciado na pesquisa, há influências diferentes das variáveis, a depender

do país em que os brasileiros se encontram. Isso se explica parcialmente pela influência ambiental, seja das políticas de incentivo à imigração qualificada, de atração de imigrantes descendentes (importante para imigrantes brasileiros em Portugal), ambiente institucional geral do país, como evidenciado em estudos conduzidos nos Estados Unidos e Austrália com comunidades brasileiras (Cruz, Falcão, & Barreto, 2017; Cruz, Falcão, & Barreto, 2018; Cruz, Falcão, & Mancebo, 2019; Cruz, Falcão, & Paula, 2018). O presente trabalho pretende, inicialmente, oferecer essa contribuição teórica, uma vez que evidencia as variáveis que têm relação com o ato de empreender em uma comunidade brasileira no exterior. Além disso, vale ser ressaltado que no campo do empreendedorismo de imigrantes, os brasileiros têm sido pouco pesquisados inclusive por acadêmicos brasileiros (Cruz, Falcão, & Barreto, 2018). Nota-se que grande parte dos estudos inclui diversas etnias asiáticas, do Oriente Médio ou de países latino-americanos, acolhidos na Europa e Estados Unidos.

Como implicações gerenciais, os resultados observados nas comunidades brasileiras de Portugal apontam para variáveis que influenciam o desejo de empreender dos imigrantes (como idade na chegada, tempo no país, visto de trabalho, nível de educação, visto de turista e reivindicar cidadania), podendo ser usadas como insumos para políticas públicas voltadas ao empreendedorismo, tais como mecanismos de fomento e de atração de futuros empreendedores.

No caso de estudos futuros, propõe-se o estabelecimento de novos estudos comparativos entre comunidades diferentes de brasileiros, assim como estudos comparativos entre diferentes etnias. Outras possibilidades de estudos futuros incluem o uso das cinco perspectivas teóricas de estudos seminais, as quais explicariam o desempenho de empreendedores: motivações e objetivos individuais; aprendizagem social; redes de afiliação, capital humano e influências ambientais (Brockhaus & Horwitz 1986; Hisrich & Brush, 1984) e também evidenciar os possíveis efeitos de educação empreendedora sobre imigrantes, corroborando com Santos, Caetano, Spagnoli, Costa e Neumeyer (2017), Yukongdi e Lopa (2017).

Além disso, destaca-se que existem outras informações extraídas dos dados das *surveys* que serão utilizadas em outros trabalhos. Isso significa que dentro das possibilidades de pesquisas futuras destacam-se as que já estão em desenvolvimento, valendo-se de relatórios de pesquisa e entrevistas em profundidade com imigrantes brasileiros em Portugal, gerando artigos sobre o perfil dos brasileiros nos países de acolhimento e artigos sobre os modelos de negócios das pequenas e médias empresas de brasileiros no exterior. Vale ressaltar que um processo de replicação do estudo já vem sendo realizado em países como o Canadá, Alemanha, Suíça, Itália e Reino Unido.

## REFERÊNCIAS

Achidi-Ndofor, H., & Priem, R. L. (2011). Immigrant entrepreneurs, the ethnic enclave strategy, and venture performance. *Journal of Management*, 37(3), 790-818. <https://doi.org/10.1177/0149206309345020>

Adekiya, A. A., & Ibrahim, F. (2016). Entrepreneurship intention among students. The antecedent role of culture and entrepreneurship training and development. *The International Journal of Management Education*, 14(2), 116-132. <http://dx.doi.org/10.1016%2Fj.ijme.2016.03.001>

Aguiar, J., Matias, M., & Fontaine, A. M. (2017). Desemprego, satisfação com a vida e satisfação conjugal em portugueses e brasileiros. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 17(4), 210-217. <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2017.4.13751>

Aguiar-Contraria L., Alexandre F., & Pinho C. M. (2012). O euro e o crescimento da economia portuguesa: Uma análise contrafactual. *Análise Social*, XLVII(203), 298-321. Retrieved from <http://analisesocial.ics.ul.pt/documents/1341932946Y9vQN8oq3Ll10KW9.pdf>

Alba, R., & Nee, V. (1997). Rethinking assimilation theory for a new era of immigration. *International Migration Review*, 31(4), 826-874. <http://dx.doi.org/10.2307/2547416>

Amaral, A. P. M., Costa, L. R., & Allgayer, C. B. A. (2017). O brasileiro como estrangeiro: A política migratória brasileira para emigrantes. *Cadernos de Direito*, 17(33), 257-285. Retrieved from <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/cd/article/view/3565/2097>

Amaral, L. (2010) Portugal, a grande recessão e a Europa. *Relações Internacionais*, (27), 83-91. Retrieved from [http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista\\_ri/pdf/ri27/n27a08.pdf](http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri27/n27a08.pdf)

Appel, T. N. (2017). *Dos caçadores-coletores aos grandes impérios: Interpretando o aumento da complexidade social à luz da teoria da evolução* (Doctoral dissertation). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, Rio de Janeiro, RJ, Brazil. Retrieved from <https://docplayer.com.br/55635236-Dos-caçadores-coletores-aos-grandess-impérios-interpretando-o-aumento-da-complexidade-social-a-luz-da-teoria-da-evolucao.html>

Azmon, Y., & Israeli, D. N. (1993). Introduction: Women in Israel — sociological overview. In Y. Azmon & D. N. Israeli (Eds.), *Women in Israel* (pp. 1-21). New Brunswick, NJ: Transaction.

Bardin, L. (2011). *Content analysis*. São Paulo: Edições 70.

Baltar, F., & Icart, I. B. (2013). Entrepreneurial gain, cultural similarity and transnational entrepreneurship. *Global Networks*, 13(2), 200-220. <https://doi.org/10.1111/glob.12020>

Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Baum, J. R., & Locke, E. A. (2004). The relationship of entrepreneurial traits, skill, and motivation to subsequent venture growth. *Journal of Applied Psychology*, 89(4), 587-598. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.89.4.587>

Bitencourt, M. C., & Ricken, R. S. (2018). A concessão do benefício assistencial aos estrangeiros residentes no país e a violação do princípio da dignidade da pessoa humana. *Seminário de Ciências Sociais Aplicadas*, 6(6), 1-11. Retrieved from <http://periodicos.unesc.net/seminariocs/article/view/4696>

Borjas, G. (2017, February 27). The immigration debate we need. *The New York Times*. Retrieved from <https://www.nytimes.com/2017/02/27/opinion/the-immigration-debate-we-need.html>

Box, T. M., White, M. A., & Barr, S. H. (1994). A contingency model of new manufacturing firm performance. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 18(2), 31-45. <https://doi.org/10.1177/104225879401800202>

Bresser-Pereira, L. C. (2017). Estado, Estado-Nação e formas de intermediação política. *Lua Nova*, (100), 155-185. <https://doi.org/10.1590/0102-155185/100>

Brinkerhoff, J. M. (2016). *Institutional reform and diaspora entrepreneurs: The in-between advantage*. Oxford: Oxford University Press.

Brockhaus, R. H., & Horwitz, P. S. (1986). The psychology of the entrepreneur. In D. L. Sexton & R. W. Smilor (Eds.), *The art and science of entrepreneurship* (pp. 25-48). Cambridge, MA: Ballinger.

Brophy, D. J. (1989). Financing women-owned entrepreneurial firms. In O. Hagan, C. Rivchun & D. Sexton (Eds.), *Women Owned Businesses* (pp. 55-76). New York: Praeger.

Bruno, A. V., & Tyebjee, T. T. (1982). The environment for entrepreneurship. *Encyclopedia of entrepreneurship*, 2(4), 288-315.

Brush, C. G., & Hisrich, R. D. (1991). Antecedent influences on womenowned businesses. *Journal of Managerial Psychology*, 6(2), 9-16. <https://doi.org/10.1108/02683949110144846>

Burud, S. L., & Tumolo, M. (2004). *Leveraging the new human capital: Adaptive strategies, results achieved, and stories of transformation*. Palo Alto, CA: Davies-Black Pub.

Carrington, P. J., Scott, J., & Wasserman, S. (Eds.). (2005). *Models and methods in social network analysis* (Vol. 28). Cambridge: Cambridge University Press.

Carvalho, G. M. D., & Afonso, L. E. (2018, July). Vale a pena mudar para Espanha ou para Portugal?: O impacto da migração sobre os trabalhadores brasileiros, sob a ótica previdenciária. *Annals of USP International Conference in Accounting: Moving accounting forward*, São Paulo, SP, Brazil, 18.

Castro, A. D. L. B., & Castro Lima, A. E. (2018). Brasileiros nos Estados Unidos - meio século (re)fazendo a América (1960-2010). *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 26(52), 273-275. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005216>

Collins, J., & Low, A. (2010). Asian female immigrant entrepreneurs in small and medium-sized businesses in Australia. *Entrepreneurship and Regional Development*, 22(1), 97-111. <https://doi.org/10.1080/08985620903220553>

Comitê Nacional para os Refugiados (2019). *Refúgio em números 4ª edição*. Retrieved from [https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-n%C3%BCmeros\\_versa%C3%83o-23-de-julho-002.pdf](https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-n%C3%BCmeros_versa%C3%83o-23-de-julho-002.pdf)

Cooper, A. C. (1981). Strategic management: New ventures and small business. *Long Range Planning*, 14(5), 39-45. [https://doi.org/10.1016/0024-6301\(81\)90006-6](https://doi.org/10.1016/0024-6301(81)90006-6)

Coutinho, M. da P. de L., & Oliveira, M. X. de. (2010). Tendências comportamentais frente à saúde de imigrantes brasileiros em Portugal. *Psicologia & Sociedade*, 22(3), 548-557. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000300015>

Cruz, E. P., & Falcão, R. P. de Q. (2016). Revisão bibliométrica no tema empreendedorismo imigrante e étnico. *Internext*, 11(3), 78-94. <http://dx.doi.org/10.18568/1980-4865.11378-94>

Cruz, E. P., Falcão, R. P. Q., & Barreto, C. R. (2017, January). *Bounded trust or mistrust - depicting brazilian immigrant entrepreneurship practices in the US*. Poster presented at the United States Association for Small Business and Entrepreneurship (USASBE) Annual Conference, Philadelphia, United States of America, 32.

Cruz, E. P., Falcão, R. P. Q., & Paula, F. O. (2018, October). Imigrantes ou consumidores de intercâmbio? As agências como facilitadores da imigração de brasileiros para Austrália. *Annals of the Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Curitiba, PR, Brazil, 42.

Cruz, E. P., Falcão, R. P. Q., & Barreto, C. R. (2018). Exploring the evolution of ethnic entrepreneurship: the case of Brazilian immigrants in Florida. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 24(5), 971-993. <https://doi.org/10.1108/IJEBR-08-2016-0239>

Cruz, E. P., Falcão, R. P. Q., & Mancebo, R. C. (2019). Market orientation and strategic decisions on immigrant and ethnic small firms. *Journal of International Entrepreneurship*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1007/s10843-019-00263-2>

Davenport, T. O. (1999). *Human capital: What it is and why people invest it*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Dolhey, S. (2019). A bibliometric analysis of research on entrepreneurial intentions from 2000 to 2018. *Journal of Research in Marketing and Entrepreneurship*, 21(2), 180-199. <https://doi.org/10.1108/JRME-02-2019-0015>

Domingues, D. T., & Vilela, E. M. (2018, September). Efeito da experiência migratória internacional no mercado de trabalho na origem - estudo com brasileiros e brasileiras de retorno no estado de minas gerais. *Annals of the Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Poços de Caldas, MG, Brazil, 21.

Egreja, C., & Peixoto, J. (2011). Caminhos limitados ou mobilidade bloqueada?: A mobilidade socioprofissional dos imigrantes brasileiros em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (67), 43-64. Retrieved from [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65292011000300003&lng=pt&tlang=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292011000300003&lng=pt&tlang=pt)

Elo, M., & Volovelsky, E. K. (2017). Jewish diaspora entrepreneurs - the impact of religion on opportunity exploration and exploitation. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 31(2), 244-269. Retrieved from <https://www.inderscience.com/info/inarticle.php?artid=84090>

Etemad, H. (2018). Growth and learning mechanisms in the evolving multilayered and multidimensional view of international entrepreneurship. *Journal of International Entrepreneurship*, 16(1), 1-11. <https://doi.org/10.1007/s10843-018-0227-6>

Fernandes-Jesus, M., Ribeiro, N., Ferreira, P. D., Cicognani, E., & Menezes, I. (2011). Da participação à integração: Estruturas e oportunidades, discriminação e gênero no contexto da participação cívica e política de jovens imigrantes brasileiros/as. *Ex aequo*, (24), 105-119. Retrieved from [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602011000200009&lng=pt&tlang=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602011000200009&lng=pt&tlang=pt)

Ferreira, A. L. G. (2017). Gestão intercultural: a adaptação de expatriados brasileiros em Portugal. *E-Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP*, (5), 1-21. Retrieved from [https://www.iscap.pt/cei/e-rei/n5/artigos/L-Ferreira\\_Gestao-Intercultural-Adaptacao-de-Expatriados-Brasileiros-em-Portugal.pdf](https://www.iscap.pt/cei/e-rei/n5/artigos/L-Ferreira_Gestao-Intercultural-Adaptacao-de-Expatriados-Brasileiros-em-Portugal.pdf)

Ferreira, S. de A., Callou, M. R. de A., Andrade, G. S., & Guimarães, F. de M. D. (2017). Migration in times of crisis: Can entrepreneurship be a solution? The case of brazilian entrepreneurs in Lisbon (Portugal). *Economic and Social Changes: Facts, Trends, Forecast*, 10(4), 242-258. <https://doi.org/10.15838/esc.2017.4.52.14>

Fonseca, M. L., Esteves, A., & Iorio, J. (2015). Mobilidade internacional de estudantes do ensino superior: Os alunos universitários brasileiros em Portugal. In J. Peixoto, B. Padilla, J. C. Marques & P. Góis (Orgs.), *Vagas atlânticas: migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI* (pp. 135-158). Lisboa: Editora Mundos Sociais

Fonseca, M. L., Pereira, S., & Iorio, J. C. (2016). International mobility of brazilian students to Portugal: The role of the brazilian government and university strategies in Portugal. In J. Dominguez-Mujica (Ed.). *Global Change and Human Mobility* (pp. 265-284). Singapore: Springer.

França, T., & Padilla, B. (2018). Imigração brasileira para Portugal: Entre o surgimento e a construção midiática de uma nova vaga. *Cadernos de Estudos Sociais*, 33(2). <https://doi.org/10.33148/CES2595-4091v.33n.220181773>

Fusco, W. F. (2006, September). Conexão origem-destino: imigrantes brasileiros no exterior. *Annals of the Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, Caxambu, MG, Brazil, 15.

Gibb, A. (1988). *Stimulating entrepreneurship and new business development*. Geneva: Inerman International Labour Office.

Gloor, L. B. (2006). From the melting pot to the tossed salad metaphor: Why coerce?. *Hohonu: A Journal of Academic Writing*, 4(1), 29-32. Retrieved from <https://hilo.hawaii.edu/campuscenter/hohonu/volumes/documents/Vol04x06FromtheMeltingPot.pdf>

Graevenitz, G. V., Harhoff, D., & Weber, R. (2010). The effects of entrepreneurship education. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 76(1), 90-112. <https://doi.org/10.1016/j.jebo.2010.02.015>

Guedes, G. R., & Marques, D. H. F. (2016-2008). Migração e mercado de trabalho em Portugal: Uma análise comparativa entre brasileiros e africanos lusófonos. *Annals of the Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, Caxambu, MG, Brazil, 16. Retrieved from <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1704/1664>

Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2006). *Multivariate statistics*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.

Haller, W., Portes, A., & Lynch, S. M. (2011). Dreams fulfilled, dreams shattered: Determinants of segmented assimilation in the second generation. *Social forces*, 89(3), 733-762. <https://dx.doi.org/10.1353%2Fsof.2011.0003>

Hisrich, R., & Brush, C. (1984). The woman entrepreneur: Management skills and business problems. *Journal of Small Business Management*, 22(1), 30-37. Retrieved from <https://ssrn.com/abstract=1505240>

Horst, C., Pereira, S., & Sheringham, O. (2016). The impact of class on feedback mechanisms: Brazilian migration to Norway, Portugal and the United Kingdom. In O. Bakewell, G. Engbersen, M. L. Fonseca, C. Horst (Eds.), *Beyond Networks* (pp. 90-112). London: Palgrave Macmillan.

Howell, A. (2019). Ethnic entrepreneurship, initial financing, and business performance in China. *Small Business Economics*, 52(3), 697-712. <https://doi.org/10.1007/s11187-017-9980-5>

Iorio, J. C., & Nogueira, S. G. (2019). O acolhimento de estudantes internacionais: brasileiros e timorenses em Portugal. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 27(56), 197-215. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005611>

Israeli, D. N. (1994). Outsiders in the promised land: Women managers in Israel. In N. J. Adler & D. N. Israeli (Eds.), *Competitive frontiers: Women managers in a global economy* (pp. 301-323). Cambridge: Blackwell Publishers.

Katz, J., & Gartner, W. B. (1988). Properties of emerging organizations. *Academy of Management Review*, 13(3), 429-441. <https://doi.org/10.2307/258090>

Kleiner, B., Lipps, O., & Ferrez, E. (2015). Language ability and motivation among foreigners in survey responding. *Journal of Survey Statistics and Methodology*, 3(3), 339-360. <https://doi.org/10.1093/jssam/smv015>

Klyver, K., Hindle, K., & Meyer, D. (2008). Influence of social network structure on entrepreneurship participation — A study of 20 national cultures. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 4(3), 331-347. <https://doi.org/10.1007/s11365-007-0053-0>

Bartlett, J. E., Kotrlik, J. W., & Higgins, C. C. (2001). Organizational research: Determining appropriate sample size in survey research. *Information Technology, Learning, and Performance Journal*, 19(1), 43-50. Retrieved from <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.486.8295&rep=rep1&type=pdf>

Kozinets, R. V. (2002). The field behind the screen: Using netnography for marketing research in online communities. *Journal of Marketing Research*, 39(1), 61-72. <https://doi.org/10.1509/jmkr.39.1.61.18935>

Krueger, N. F., Jr., Reilly, M. D., & Carsrud, A. L. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 15(5-6), 411-432. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(98\)00033-0](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(98)00033-0)

Krueger, N. F., Jr., & Carsrud, A. L. (1993). Entrepreneurial intentions: Applying the theory of planned behaviour. *Entrepreneurship & Regional Development*, 5(4), 315-330. <https://doi.org/10.1080/08985629300000020>

Laguna, M. (2013). Self-efficacy, self-esteem, and entrepreneurship among the unemployed. *Journal of Applied Social Psychology*, 43(2), 253-262. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2012.00994.x>

Leopoldi, J. S. (2004). As relações de gênero entre os caçadores-coletores. *Sociedade e Cultura*, 7(1), 61-73. <https://doi.org/10.5216/sec.v7i1.925>

Lerner, M., Brush, C., & Hisrich, R. (1997). Israeli women entrepreneurs: An examination of factors affecting performance. *Journal of Business Venturing*, 12(4), 315-339. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(96\)00061-4](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(96)00061-4)

Light, I., Bhachu, P., & Karageorgis, S. (2017). Migration networks and immigrant entrepreneurship. In I Light & P. Bhachu (Orgs.), *Immigration and entrepreneurship: Culture, capital, and ethnic networks* (pp. 25-50). Abingdon, UK: Routledge.

Lisboa, W. T. (2016, September). Fluxos transatlânticos e identidade: A imigração brasileira em Portugal e o imaginário português sobre o Brasil. *Annals of the Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, Caxambú, MG, Brazil, 17.

Machado, I. J. de R. (2005). Implicações da imigração estimulada por redes ilegais de aliciamento. O caso dos brasileiros em Portugal. *Ilha Revista de Antropologia*, 7(1, 2), 187-212. Retrieved from <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/1585/1343>

Mahfouz, S. M. (2013). America's melting pot or the salad bowl: The stage immigrant's dilemma. *Journal of Foreign Languages, Cultures & Civilizations*, 1(2), 1-17. Retrieved from [http://jflcc.com/journals/jflcc/Vol\\_1\\_No\\_2\\_December\\_2013/1.pdf](http://jflcc.com/journals/jflcc/Vol_1_No_2_December_2013/1.pdf)

Maluf, S. (2018). *Teoria geral do Estado*. São Paulo: Editora Saraiva.

Margolis, M. L. (2013). *Goodbye, Brazil: emigrantes brasileiros no mundo*. São Paulo: Editora Contexto.

Martínez, B. R. (2003) *La reciente inmigración latinoamericana a España* (Serie Población y Desarrollo, n. 40). Santiago, Chile: CELADE.

Mata, I. (2007). *Re-thinking the immigrant narrative in a global perspective: representations of labor, gender and im/migration in contemporary cultural productions* (Doctoral dissertation). University of California, San Diego, CA, USA. Retrieved from <https://escholarship.org/uc/item/7kd5n568>

Menezes, M. A. D. (2012). Migrações e mobilidades: repensando teorias, tipologias e conceitos. In P. E. Teixeira, A. M. da C. Braga, & R. Baeninger (Orgs.), *Migrações: Implicações passadas, presentes e futuras*. Marília: Cultura Acadêmica Editora.

Midtbøen, A. H., & Nadim, M. (2019). Ethnic niche formation at the top? Second-generation immigrants in Norwegian high-status occupations. *Ethnic and Racial Studies*, 42(16), 177-195. <https://doi.org/10.1080/01419870.2019.1638954>

Minello, I. F., Alves, L. da C., & Scherer, L. A. (2012). Business failure factors: Entrepreneurs' perspective of failure experience. *BASE-Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos*, 10(1), 19-31. <https://doi.org/10.4013/base.2013.101.02>

Miskin, V., & Rose, J. (1990). New venture initiation: Factors influencing success. *Journal of Small Business Strategy*, 1(2), 1-9. Retrieved from <https://libjournals.mtsu.edu/index.php/jsbs/article/view/224>

Ministério das Relações Exteriores. (2016). Brasileiros pelo mundo: estimativas populacionais. Retrieved from <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-dascomunidades>.

Oliveira, C. R. (2008). Determinantes das estratégias empresariais de imigrantes em Portugal. *Revista Migrações*, (3), 109-138. Retrieved from [https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/Migr3\\_Sec2\\_Art1\\_PT.pdf](https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/Migr3_Sec2_Art1_PT.pdf)

Oliveira, E. N., Neto, F. F. M., Freire, A. S., Félix, T. A., Moreira, R. M. M., & Lima, G. F. (2016). Saúde de imigrantes: estudos com brasileiros baseados em evidências. *SANARE-Revista de Políticas Públicas*, 15(1), 74-81. Retrieved from <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/931/560>

Oro, A. P. (2017). Transnacionalização evangélica brasileira para Portugal: Tipologia e acomodações. *Ciências Sociais e Religião*, 19(26), 14-51. <https://doi.org/10.22456/1982-2650.75314>

Padilla, B. (2006). Integração dos imigrantes brasileiros recém-chegados na sociedade portuguesa: Problemas e possibilidades. In I. J. de R. Machado, (Org.), *Um mar de identidades: A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: EdUFSCar.

Padilla, B., & França, T. (2016). Migration policies and institutional frameworks. Development and evolution in Portugal. *Comparative Cultural Studies - European and Latin American Perspectives*, 1(1), 37-52. <https://dx.doi.org/10.13128/ccselap-19987>

Peixoto, J. (2007). Tráfico, contrabando e imigração irregular: os novos contornos da imigração brasileira em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (53), 71-90. Retrieved from [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65292007000100004&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292007000100004&lng=pt&tlng=pt)

Pereira, S., & Esteves, A. (2017). Os efeitos da crise económica na situação laboral dos imigrantes: o caso dos brasileiros em Portugal. *REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 25(49), 135-152. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004908>

Pfeifer, S., Šarlija, N., & Zekić-Sušac, M. (2016). Shaping the entrepreneurial mindset: Entrepreneurial intentions of business students in Croatia. *Journal of Small Business Management*, 54(1), 102-117. <https://doi.org/10.1590/10.1111/jsbm.12133>

Podsakoff, P. M., MacKenzie, S. B., Lee, J. Y., & Podsakoff, N. P. (2003). Common method biases in behavioral research: A critical review of the literature and recommended remedies. *Journal of Applied Psychology*, 88(5), 879-903. [10.1037/0021-9010.88.5.879](https://doi.org/10.1037/0021-9010.88.5.879)

Porfírio, J. A., Carrilho, T., & Mónico, L. S. (2016). Entrepreneurship in different contexts in cultural and creative industries. *Journal of Business Research*, 69(11), 5117-5123. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2016.04.090>

Portes, A., & Zhou, M. (1992). Gaining the upper hand: Economic mobility among immigrant and domestic minorities. *Ethnic and Racial Studies*, 15(4), 491-522. <https://doi.org/10.1080/01419870.1992.9993761>

Portes, A., & Zhou, M. (1993). The new second generation: Segmented assimilation and its variants. *The annals of the American Academy of Political and Social Science*, 530(1), 74-96. <https://doi.org/10.1177/000271629353001006>

VEJA. (2020, January 16). *Brasileiros vivendo em Portugal já são 151 mil, um aumento de 43%*. Retrieved from <https://veja.abril.com.br/mundo/brasileiros-vivendo-em-portugal-ja-sao-151-mil-um-aumento-de-43/>

Roberto, S., & Moleiro, C. (2015). Processos de resiliência em imigrantes: Narrativas biográficas de brasileiros em Portugal. *Psicologia em Estudo*, 20(2), 295-307. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v20i2.25634>

Rodrigues, D. (2016). Ethnic and religious diversities in Portugal: The case of brazilian evangelical immigrants. In H. Vilaça, E. Pace, I. Furseth, & P. Pettersson (Eds.), *The changing soul of europe: religions and migrations in northern and southern europe* (pp. 133-148). London: Ashgate.

Sales, T., & Loureiro, M. (2004). Imigrantes brasileiros adolescentes e de segunda geração em Massachusetts, EUA. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 21(2), 217-239. Retrieved from <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/270>

Santos, A. C. M. Z., Alves, M. S. P. C., & Bitencourt, C. C. (2015). Entrepreneurial orientation construct and the impact on performance of companies in technological incubators. *BASE-Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos*, 12(3), 242-255. <https://doi.org/10.4013/base.2015.123.06>

Santos, J. R. D. (2017). Desemprego e migrações em Portugal, que relação?. In Urze, P., Serrano, M., & Assunção, F. (Eds.), *Atas do II Encontro Internacional de Sociologia (SIOT)* (pp. 91-102). Monte da Caparica: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

Santos, S. C., Caetano, A., Spagnoli, P., Costa, S. F., & Neumeyer, X. (2017). Predictors of entrepreneurial activity before and during the european economic crisis. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 13(4), 1263-1288. <https://doi.org/10.1007/s11365-017-0453-8>

Sasaki, E. M. (1999). Movimento dekassegui: A experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: R. R. Reis & T. Sales (Orgs.), *Cenas do Brasil migrante* (pp. 243-74). São Paulo: Boitempo.

Saturnino, R. (2015). *A construção do imaginário social dos imigrantes brasileiros em Portugal nas redes sociais da internet: O caso do Orkut* (Vol. 45). Lisboa: Obsevatório das Migrações.

Schoon, I., & Duckworth, K. (2012). Who becomes an entrepreneur? Early life experiences as predictors of entrepreneurship. *Developmental Psychology*, 48(6), 1719-1726. <https://doi.org/10.1037/a0029168>

Silva, R. V. (2016). *Brasileiros em Portugal: Por que alguns imigrantes retornam e outros permanecem?* Jundiaí, SP: Paco Editorial.

Siqueira, S. (2006). *Migrantes e empreendedorismo na microrregião de Governador Valadares – sonhos e frustrações no retorno* (Doctoral dissertation), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Souza, E. J., & Iorio, J. C. (2018). A construção midiática do “eldorado” lusitano a partir dos novos fluxos migratórios de brasileiros para Portugal. *Século XXI: Revista de Ciências Sociais*, 8(1), 312-340. <http://dx.doi.org/10.5902/2236672535676>

Spears, R., Doosje, B., & Ellemers, N. (1997). Self-stereotyping in the face of threats to group status and distinctiveness: The role of group identification. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23(5), 538-553. <https://doi.org/10.1177/0146167297235009>

Terzano, K. (2014). Commodification of transitioning ethnic enclaves. *Behavioral Sciences*, 4(4), 341-351. <https://dx.doi.org/10.3390%2Fbs4040341>

Togni, P. C. (2015). *A Europa é o Cacém: Mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal* (Doctoral dissertation). Instituto Universitário de Lisboa, Lisbon, Portugal. Retrieved from <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/8679>

Unger, J. M., Rauch, A., Frese, M., & Rosenbusch, N. (2011). Human capital and entrepreneurial success: A meta-analytical review. *Journal of Business Venturing*, 26(3), 341-358. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2009.09.004>

Vala, J., Brito, R., & Lopes, D. (2015). *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa: ICS Imprensa de Ciências Sociais.

Vilione, J. L. (2017). *A colônia japonesa em Presidente Prudente: Sua trajetória, relação com o estado e a sociedade local (1908-1947)* (Masters' thesis). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, Brasil.

Vitorio, B. S. (2015). Imigrantes brasileiros em Portugal: Retrospectiva de percurso. In A. Gattaz & V. P. R. Fernandez (Orgs.), *Imigração e imigrantes: Uma coletânea interdisciplinar* (pp. 209-226). Salvador: Editora Pontocom.

Waldinger, R., & Feliciano, C. (2004). Will the new second generation experience ‘downward assimilation’? Segmented assimilation re-assessed. *Ethnic and Racial Studies*, 27(3), 376-402. <https://doi.org/10.1080/01491987042000189196>

Yukongdi, V., & Lopa, N. (2017). Entrepreneurial intention: A study of individual, situational and gender differences, *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 24(2), 333-352. <https://doi.org/10.1108/JSBED-10-2016-0168>

Zhou, M. (1997). Segmented assimilation: Issues, controversies, and recent research on the new second generation. *The International Migration Review*, 31(4), 975-1008. <https://doi.org/10.2307/2547421>

Zhuang, Z. C. (2019). Ethnic entrepreneurship and placemaking in Toronto's ethnic retail neighbourhoods. *Tijdschrift Voor Economische en Sociale Geografie*, 110(5), 520-537. <https://doi.org/10.1111/tesg.12383>

Zimmer, C., & Aldrich, H. (1987). Resource mobilization through ethnic networks: Kinship and friendship ties of shopkeepers in England. *Sociological Perspectives*, 30(4), 422-445. <https://doi.org/10.2307/1389212>

Zolin, R., & Schlosser, F. (2013). Characteristics of immigrant entrepreneurs and their involvement in international new ventures. *Thunderbird International Business Review*, 55(3), 271-284. <https://doi.org/10.1002/tie.21543>

## Autores

### Eduardo Picanço Cruz\*

Rua Mario Santos Bragas, s/n, sala 702b, Centro, 24020-140, Niterói, RJ, Brasil.

E-mail: epicanco@id.uff.br

DOI: <https://orcid.org/0000-0003-4484-3256>

### Roberto Pessoa de Queiroz Falcão

Rua Mario Santos Bragas, s/n, Centro, 24020-140, Niterói, RJ, Brasil.

E-mail: robertopqfalcão@gmail.com

DOI: <https://orcid.org/0000-0002-8125-0938>

### Yan Orge Fernandes Barbosa

Rua Mario Santos Bragas, s/n, Centro, 24020-140, Niterói, RJ, Brasil.

E-mail: yanfernandes@id.uff.br

DOI: <https://orcid.org/0000-0003-3251-9272>

### Fábio de Oliveira Paula

Rua Marquês de São Vicente, nº. 225, 22451-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: fabioop@iag.puc-rio.br

DOI: <https://orcid.org/0000-0002-1926-2241>

\* Autor Correspondente

## Contribuições dos Autores

**1º autor:** Conceituação (Igual); Curadoria de dados (Igual); Análise formal (Igual); Aquisição de financiamento (Igual); Investigação (Igual); Metodologia (Igual); Administração de projeto (Igual); Recursos (Igual); Supervisão (Igual); Validação (Igual); Escrita - rascunho original (Igual); Escrita - revisão e edição (Igual).

**2º autor:** Conceituação (Igual); Análise formal (Igual); Metodologia (Igual); Recursos (Igual); Validação (Igual); Escrita - rascunho original (Igual); Escrita - revisão e edição (Igual).

**3º autor:** Análise formal (Igual); Software (Igual); Escrita - rascunho original (Igual); Escrita - revisão e edição (Igual).

**4º autor:** Curadoria de dados (Igual); Análise formal (Igual); Metodologia (Igual); Software (Igual); Validação (Igual); Escrita - rascunho original (Igual).

## Financiamento

A pesquisa que sustenta os dados do presente artigo foi realizada com apoio financeiro do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Chamada MCTIC/ CNPq nº 28/2018 - Universal.

## Conflito de Interesses

Os autores informaram que não há conflito de interesses.

## Direitos Autorais

A RAC detém os direitos autorais deste conteúdo.

## Verificação de Plágio

A RAC mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, mediante o emprego de ferramentas específicas, e.g.: iThenticate.

## Método de Revisão por Pares

Este conteúdo foi avaliado utilizando o processo de revisão por pares duplo-cego (*double-blind peer-review*). A divulgação das informações dos pareceristas constantes na primeira página é feita somente após a conclusão do processo avaliativo, e com o consentimento voluntário dos respectivos pareceristas.

## Disponibilidade dos Dados e Materiais

Todos os dados e materiais foram disponibilizados publicamente por meio da plataforma Mendeley e podem ser acessados em:



Cruz, Eduardo; Falcão, Roberto; Paula, Fabio (2020), "Data for: "Analysis of prescribing variables of entrepreneurial intention of Brazilian immigrants in Portugal" published by RAC-Revista de Administração Contemporânea", Mendeley Data, v2. <http://dx.doi.org/10.17632/92c8925nbr.2>